

## CENA 2

### Os determinantes da ação

#### PRESENÇA DO PASSADO, PRESENTE DA AÇÃO

Pode-se distinguir duas grandes tendências entre as teorias da ação e do ator. De um lado estão os modelos que conferem um peso determinante e decisivo ao passado do ator, e de modo mais particular a todas as primeiras experiências (no mais das vezes consideradas homogêneas) vividas na primeira infância (por exemplo, as diferentes teorias psicológicas ou neuropsicológicas, a teoria psicanalítica<sup>1</sup> e a teoria do *habitus*...)<sup>2</sup> e, do outro lado, os modelos que descrevem e analisam momentos de uma ação ou de uma interação ou uma dada situação de um sistema de ação sem se preocupar com o passado dos atores (teoria da escolha racional, individualismo metodológico, interacionismo simbólico, etnometodologia). No primeiro caso, as experiências passadas estão no princípio de todas as ações futuras. No segundo caso, os atores são seres desprovidos de passado, obrigados apenas pela lógica da situação presente: interação, sistema de ação, organização, mercado, etc. Na primeira ordem, negligencia-se freqüentemente o estudo da "ordem da interação", das características singulares e complexas do contexto prag-

1. J. Laplanche e J.-B. Pontalis indicam, todavia, que com a idéia de "retoque posterior" do passado (de reinscrição dos traços mnésicos) ligado a um novo acontecimento ou a novas situações, Freud proíbe "uma interpretação sumária que reduziria a concepção psicanalítica da história do sujeito a um determinismo linear que considerasse apenas a ação do passado sobre o presente" (1990: 33-34).
2. Em *Cadres et mécanismes de la socialisation dans la France d'aujourd'hui* (1977: 81-82), Jean-Claude Passeron exprime muito claramente, num parágrafo intitulado "A primeira socialização: para uma sociologia das experiências originárias", acompanhado implicitamente por numerosos sociólogos franceses da época e por muitos outros ainda hoje: "O objeto mais claramente designado pela interrogação teórica para a pesquisa empírica é, sem dúvida, a socialização exercida nos três primeiros anos da infância, pois tanto a psicanálise como as teorias antropológicas e sociológicas da constituição da personalidade social concordam, em termos diferentes, em conferir uma importância prototípica às experiências originárias". É o que mais recentemente diz também um autor norte-americano, Peter E.S. Freund: "A qualidade, o grau e a intensidade da construção social e da interação biossocial dependem do tempo e do momento da socialização. Estamos mais abertos quando somos muito jovens do que quando somos adultos. A socialização começa quando o organismo humano está inacabado... A socialização primária tem um impacto profundo sobre o organismo" (1988: 848).

mático, imediato da ação e, na segunda ordem, negligencia-se voluntária ou involuntariamente tudo aquilo que, na ação presente, depende do passado incorporado dos atores.

Sem dúvida, os modelos do “ator todo inteiro na interação” ou na “situação do momento”, que o definem por seu lugar, seu papel, sua posição exclusivamente nesse momento presente, produzem conhecimentos sobre o mundo social. No entanto, não é dentro desta tradição sociológica que temos inscrito nossos trabalhos de pesquisa e nossa reflexão científica. Estas sociologias do ator sem passado são bastante formais e vazias do ponto de vista da análise dos atores e se interessam, no fundo, menos pelo ator agindo do que pela ação *per se* (seus contextos, seu curso, suas modalidades, sua gramática), seja qual for o passado do ator que a efetua. Uma sociologia sem o peso de qualquer teoria da memória, do hábito e do passado incorporado, uma sociologia de inspiração, de algum modo, antiproustiana... Mas é tão legítima como outras literaturas para inspirar outros sociólogos. Nossa intenção é tratar teoricamente a questão do passado incorporado, das experiências socializadoras anteriores, evitando negligenciar ou anular o papel do presente (da situação) fazendo como se todo nosso passado agisse “como um só homem”, em cada momento de nossa ação; deixando pensar que seríamos, em cada instante – e iniciássemos a cada momento –, a *síntese* de tudo o que vivemos anteriormente e que se trataria então de reconstruir esta síntese, este princípio unificador, esta fórmula (mágica) geradora de todas as nossas práticas.

De fato, a questão do peso relativo das experiências passadas e da situação presente para explicar as ações está fundamentalmente ligada à questão da pluralidade interna do ator, também ela correlativa à pluralidade das lógicas de ação nas quais o ator foi e é levado a se inscrever. Com efeito, se o ator é o produto de uma condição familiar homogênea e unívoca de existência *x*, e durante a sua vida encontra apenas situações idênticas ou análogas a *x*, então passado e presente são um. Não mais existe diferença nenhuma entre o que o ator conheceu anteriormente e o que conhece atualmente e observa-se então, segundo a expressão de Pierre Bourdieu inspirando-se na fenomenologia, uma profunda relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas da situação social, cumplicidade que está na base da *illusio*, isto é, da relação encantada à situação – o ator vive a situação como o peixe na água. Então não há mais, propriamente falando, nem passado nem presente (é o que diz, exatamente, uma fórmula do tipo: “[hábitos] ajustados por antecipação às situações nas quais funcionem e cujo produto são”, 1997: 174), pois o ator viveu e continua a viver num espaço social homogêneo que nunca se transforma. Numa fórmula do tipo “passado que sobrevive no atual e que tende a se perpetuar no futuro atualizando-se em práticas estruturadas segundo seus princípios” (1980a: 91), pressupõe-se a homogeneidade, a unicidade do passado e liga-se prematuramente o problema do encontro entre um “passado incorporado” e um “presente” diferentes ou contraditórios.

Portanto, a articulação passado-presente só toma todo o seu sentido quando “passado” (incorporado) e “presente” (contextual) são diferentes, e a articulação torna-se particularmente importante quando os próprios “passado” e “presente” são fundamentalmente plurais e heterogêneos. Se a situação presente não é negli-

genciável, é, por um lado, porque existe a historicidade que implica que aquilo que foi incorporado não é necessariamente idêntico ou está em relação harmoniosa com o exigido pela situação presente e, por outro lado, porque os envolvidos não são “um”, isto é, não são redutíveis a *uma* fórmula geradora de suas práticas, a *uma* lei interna, a *um* *nomos* interior.

Se as práticas “não se deixam deduzir nem das condições presentes, que aparentemente as suscitaram, nem das condições passadas, que produziram o *habitus*, princípio durável de sua produção” (*ibid.*: 94), fórmula perfeitamente equilibrada à qual é difícil não aderir, o modelo teórico proposto implica na maioria das vezes uma relativa primazia das experiências passadas na medida em que estas estão “no princípio” não só da compreensão das experiências ulteriores, mas também de sua seleção (de sua aceitação ou rejeição, de seu evitamento...): “De modo diferente das avaliações eruditas, que são corrigidas após cada experiência segundo as regras rigorosas de cálculo, as antecipações de hábitos, espécie de hipóteses práticas baseadas na experiência passada, conferem um peso desmesurado às primeiras experiências; realmente são as estruturas características de uma classe determinada de condições de existência que, através da necessidade econômica e social que fazem pesar sobre o universo relativamente autônomo da economia doméstica e das relações familiares ou, melhor, através das manifestações propriamente familiares dessa necessidade externa (forma da divisão de trabalho entre os sexos, universo de objetos, modos de consumo, relações com os parentes, etc.), produzem as estruturas do *habitus* que estão, por sua vez, no princípio da percepção e da apreciação de toda experiência ulterior” (p. 90-91). Ou ainda: “O peso particular das experiências primitivas resulta, de fato, em sua essência, do fato de que o *habitus* tende a garantir sua própria constância e sua própria defesa contra a mudança através da seleção que faz entre as informações novas, rejeitando, em caso de exposição fortuita ou forçada, as informações capazes de questionar a informação acumulada e, sobretudo, desfavorecendo a exposição a tais informações. [Então Pierre Bourdieu dá um exemplo de homogeneidade.] Pela ‘escolha’ sistemática que faz dos lugares, dos acontecimentos, das pessoas suscetíveis de serem freqüentadas, o *habitus* tende a se proteger das crises e dos questionamentos críticos garantindo para si um meio ao qual está previamente tão adaptado quanto possível, quer dizer, um universo relativamente constante de situações próprias a reforçar suas disposições oferecendo o mercado mais favorável para seus produtos” (p. 102).

## AS MUITAS OCASIÕES DE DESAJUSTAMENTO E DE CRISE

Se o autor tem razão em sublinhar a propensão dos atores em querer evitar as crises maiores, isto é, as situações que contrariariam muito fortemente ou duravelmente seu programa de socialização incorporado, não somente confunde propensão (ou desejo dos atores) e situações reais (que não permitem sempre tais evitamentos nem deixam verdadeiramente escolha aos atores), mas esquece a existência de muitas crises polimórfas, que fazem o dia-a-dia dos atores. Com efeito, foi para privilegiar as grandes crises, ligadas a transformações importantes de po-